

# DIÁLOGOS ENTRE O PENSAMENTO DE AILTON KRENAK E A ANTROPOLOGIA DA VIDA

Rafael Conceição<sup>1</sup>

## Resumo

Este artigo possui como principal proposta relacionar, de forma dialogal, as implicações teóricas da chamada "Antropologia da Vida" e o pensamento ameríndio de Ailton Krenak. A revisão da teoria antropológica contemporânea foi realizada de modo a criar conexões entre os conceitos-chave presentes em "Futuro Ancestral", como "cultura sanitarista", "confluências" e "florestania". A perspectiva de estender as definições do social a outros domínios, em antinomia ao paradigma moderno de oposição entre natureza e cultura, encontra nas ideias de Krenak as premissas fundamentais para pensar-se um novo mundo e uma outra relação com os seres que o habitam – ideias essas, elementares para as proposições da Antropologia contemporânea. Ao elaborar essas relações, pretende-se, antes, destacar o protagonismo do pensamento de Krenak, embasado na ontologia ameríndia, como forma de se repensar o contratualismo dos modernos, que funda lógicas segregacionista em relação à floresta e aos seus povos, no que convencionou-se denominar "antropoceno" ou "capitaloceno".

**Palavras-chaves:** antropologia da vida; florestania; pensamento ameríndio.

## DIALOGUES BETWEEN THE THOUGHT OF AILTON KRENAK AND THE ANTHROPOLOGY OF LIFE

## Abstract

This article has as its main proposal to relate, in a dialogical way, the theoretical implications of the so-called "Anthropology of Life" and the Amerindian thought of Ailton Krenak. The review of contemporary anthropological theory was conducted in order to create connections between key concepts present in "Futuro Ancestral," such as "sanitarian culture," "confluences," and "forest citizenship." The perspective of extending the definitions of the social to other domains, in antinomy to the modern paradigm of opposition between nature and culture, finds in Krenak's ideas the fundamental premises for thinking about a new world and another relationship with the beings that inhabit it – ideas that are elementary to the propositions of contemporary Anthropology. In elaborating these relationships, the aim is to highlight the protagonism of Krenak's thought, based on Amerindian ontology, as a way of rethinking the contractualism of the moderns, which establishes segregationist logics in relation to the forest and its peoples, in what has come to be called the "Anthropocene" or "Capitalocene."

**Keywords:** anthropology of life; forest citizenship; Amerindian thought.

---

<sup>1</sup> Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e bolsista do Programa de Apoio à Pós-graduação, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

DIALOGUES ENTRE LA PENSÉE D'AILTON KRENAK ET L'ANTHROPOLOGIE DE LA VIE

**Resumen**

El eje central de este artículo es establecer una relación dialógica entre las implicaciones teóricas de la llamada "Antropología de la Vida" y el pensamiento amerindio de Ailton Krenak. Se realizó una revisión de la teoría antropológica contemporánea para establecer conexiones entre los conceptos clave presentes en "Futuro Ancestral", como "cultura sanitaria", "confluencias" y "bosqueanía". La perspectiva de ampliar las definiciones de lo social a otros dominios, en contraposición al paradigma moderno de oposición entre naturaleza y cultura, encuentra en las ideas de Krenak las premisas fundamentales para vislumbrar un mundo nuevo y una relación diferente con los seres que lo habitan, ideas esenciales para las propuestas de la antropología contemporánea. Al elaborar estas relaciones, el objetivo es resaltar la centralidad del pensamiento de Krenak, fundamentado en la ontología amerindia, como una forma de repensar el contractualismo moderno que subyace a las lógicas segregacionistas con respecto al bosque y sus pueblos, en lo que se ha denominado como el "antropoceno" o "capitaloceno".

**Palabras clave:** antropología de la vida; bosqueanía; pensamiento amerindio.

**Introdução**

O presente trabalho, a partir de uma revisão bibliográfica, versa sobre as contribuições do pensador originário Ailton Krenak aos termos conceituais da Antropologia da Vida e os estudos antropológicos multiespécies, de forma a estabelecer relações entre o fazer etnográfico multiespécies e a ontologia ameríndia, expressa em um novo paradigma do social.

Com inspiração na denominada "Virada Ontológica" na Antropologia Social, autores como Philippe Descola (2003) apontam para a crítica epistemológica ao naturalismo como fonte privilegiada de análise, de modo que a descontinuidade, entre natureza e cultura, passa a constituir-se em continuidade entre tais termos que, na distinção em si mesma, representam um projeto político da modernidade. Em consonância a isso, o "perspectivismo ameríndio", conceito acunhado por Eduardo Viveiros de Castro (2011), descreve um universo ameríndio povoado por diversas agências e subjetividades, assim como, seus pontos de vista, em

que a corporeidade das espécies representa a diversidade a um *continuum* de mesma cultura (em outras palavras, mesmo conjunto de significados). E assim, revelando o antagonismo entre as experiências sociológicas do multiculturalismo e multinaturalismo, sendo o último, uma inversão simétrica à noção moderna de distinção entre natureza e cultura. Nesses termos, pode-se elencar o “animismo perspectivista” como equivalência real entre humanos e não-humanos, entre alma e corpo, em uma noção fundamental para o que se propõe a Antropologia da Vida.

Os estudos multiespécies, em linhas gerais, buscam fundamentar etnograficamente as experiências a partir da dimensão de atores humanos e não-humanos, na conformação de um social expandido em seus significados e significantes, pressionando-se radicalmente a clássica percepção moderna sobre “domínios da natureza”. A autora Donna Haraway (2022), ao trazer o conceito de “devir-com”, implica grande contribuição a essa linha de pesquisa, de modo que há a desconstrução da concepção antropocêntrica de “sujeito” em busca de uma atentividade às relações com outras espécies e, dessa forma, da vida apresentando-se como “relacionalidade constitutiva” entre “espécies companheiras”, disposta como “nódulos” intra e interespecíficos. O antropólogo Bruno Latour (2012), em sua teoria do Ator-Rede, postula a necessidade de democratização entre sujeitos e coisas, separação possível pelas premissas modernas de natureza/cultura que concentram, nos termos do poder político, a ficção da excepcionalidade humana. Assim como, a antropologia de Tim Ingold (2015), ao prezar pela “qualidade atencional da ação”, busca a primazia da experiência como elemento de descrição da História e da Habitação, conceitos centrais em sua obra para dissertar sobre os “envolvimentos mútuos” dos seres do mundo para a configuração do social.

Os teóricos apresentados são de grande importância para pensar-se uma Antropologia Social contemporânea, que envolva atores da “natureza” enquanto atores do “social”, atitude intelectual imprescindível para pensar-se os “direitos da natureza”. Portanto, em determinação a um movimento revolucionário e decolonial no campo das ideias, o pensador Ailton Krenak (2022) aborda uma série de conceitos necessários à Antropologia da Vida enquanto

campo de saber, no presente exercício de reflexividade sobre os limites da Ciência impostos à cultura acadêmica.

Ao trazer a noção de “capitaloceno”, Krenak (2022) tece uma profunda crítica ao capitalismo enquanto modo de vida e de relação com a Terra, em sua premissa ideológica de inevitabilidade e seus modos utilitários de apropriação material. As noções abordadas sobre “cultura sanitarista”, “confluências” e “florestania”, evocando-se a significação dos percursos dos rios, permitem valiosas contribuições a essa nova compreensão do “social”. Ao fazer uma crítica à urbanidade moderna ocidental, tal qual um procedimento de enclave, Krenak (2022) assinala a “cultura sanitarista” alicerçada às lógicas da necropolítica<sup>2</sup>, em que os seres do mundo, como córregos e diversos animais, assim como, povos, indígenas e quilombolas, são antagonizados como não-pertencentes à égide capitalista (e codificada como “humana”) que representam as cidades. Trata-se de procedimentos de purificação, que estão vinculados à própria tese de Latour (2012) sobre a fundação da modernidade. Ao trazer o termo “confluências”, de Nêgo Bispo, Krenak (2022) evoca a imagem dos rios como procedimento da experiência, o fazer da vida, em que confluir significa superar a “monocultura” do capitalismo, a partir de tradições que apresentam outro tipo de relação com Pacha Mama, para um novo sentido de mundo na diversidade dos encantamentos. Confluir, nesse sentido conotado, aproxima-se às premissas de Ingold (2015) em relação à experiência enquanto motivação da vida. Por fim, ao citar a “florestania”, mencionando-se a histórica atuação da Aliança dos Povos das Florestas (APF), à qual é fundador, Krenak (2022) privilegia uma nova forma de compreensão da política. Essa noção é construída a partir daqueles que vivem com a floresta e encontram em seus seres e seu modo de viver, o que os modernos buscaram, a partir da excelência do *eternum* da cidade de Roma, nas razões da “cidadania”. O “devir-com”, abordado por Haraway (2022), encontra sentidos nesse novo significado, em partilhar o comum.

---

<sup>2</sup> Conceito do teórico Achille Mbembe (2018), que faz referência aos processos políticos de extermínio.

Em suma, os diálogos ensaiados, entre os teóricos da Antropologia da Vida com o pensamento ameríndio de Ailton Krenak, revelam-se como possíveis instrumentos analíticos para as Ciências Sociais. De forma que as teorias, atividades e debates acadêmicos são interpretados para tornarem-se fortalecedores, em seu *status* de capital cultural, à luta decolonial e dos povos da floresta. Um pensamento social, de potência ontológica em Ailton Krenak, nas confluências dos saberes tradicionais indígenas, é um poderoso instrumento pedagógico de relativização da cultura moderna, para ampliação do debate sobre os direitos da natureza. O Contrato Social, ficção fundamentalmente moderna, nos termos de Latour (2012), encontra nas novas interpretações do Direito, a contribuição inequívoca dos povos originários do território sul-americano que, a partir de suas cosmogonias, são agentes protagonistas para pensar-se uma nova antropologia, um novo saber, um novo mundo.

### A virada ontológica na Antropologia

O presente trabalho, de caráter ensaístico, versa possíveis diálogos entre o pensamento do líder e pensador indígena e doutor Honoris Causa, pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Ailton Krenak, e alguns autores renomados da denominada “Antropologia da Vida”. Com enfoque à última obra publicada “Futuro Ancestral”, os esforços concentram-se em criar-se possíveis conexões semânticas entre o pensamento de Krenak e a teoria antropológica, de modo a sublinhar o protagonismo indígena e seus saberes ao que concerne à “ampliação do social”, nos termos de Bruno Latour (2012). Nesse sentido, o reconhecimento de atores humanos e não-humanos à compreensão dos fenômenos sociais, esforço notadamente presente nos atuais estudos multiespécies, permite o fortalecimento de um novo paradigma, de certo modo revolucionário no campo da ciência social, ao que convencionou-se classificar enquanto “natureza”.

De forma sucinta, os diálogos propostos estão em torno de três ideias, problematizações ou conceitos abarcados por Krenak (2022), em “Futuro Ancestral”, tais quais: “cultura sanitarista”, “confluências” e “florestania”, que compreendem uma crítica ao modernismo e ao projeto capitalista de uso do mundo e dos seres que o habitam (animados ou cosmográficos), de forma a

estabelecer concepções que contrapõem o “fim do mundo”. A crise ética enunciada ao atual nível de “desenvolvimento” científico e tecnológico confronta-se com o fomento de novos valores a ser popularizados (ou melhor dizendo, cultivados), os quais, nos termos de Krenak, sempre estiveram aqui, pois são ancestrais.

Nesse tema, os paradigmas sobre as divisões entre natureza e cultura, no âmbito da Antropologia, como disserta Philippe Descola (2003), organizou escolas do pensamento – como da Antropologia Simbólica – a partir do conceito de classificação do mundo, em que há a centralidade dos elementos totêmicos (como presente na antropologia de Radcliffe-Brown e Lévi-Strauss) enquanto prática cultural de organização social através de objetos sensíveis (ou, da natureza). Ao elencar a ontologia ameríndia, a chamada “virada ontológica” busca romper determinados paradigmas das concepções estruturalistas, com o propósito central de que: o social é lido como contínuo, entre atores humanos e não-humanos. A crítica ao naturalismo, portanto, nessa perspectiva, refere-se à produção de descontinuidades (subjetividades) em relação a uma natureza única e, de certa maneira, estável em relação à multiplicidade das culturas.

O antropólogo Eduardo Viveiros de Castro (2011), ao abordar o “perspectivismo ameríndio”, traz novas significações ao que conhecíamos como “animismo”. Na antropologia clássica, tida como uma atitude “infantil” em relação ao meio, de ausência de diferenciação pela baixa “complexidade” cultural, o animismo, no âmbito ontológico, torna-se o reconhecimento das agências do mundo, em um quadro referencial que desafia o modernismo antropocêntrico. Na noção do perspectivismo, os corpos dos seres não-humanos demarcam as diferenças, em um *continuum* da “substância” ou, em outras palavras, dos cosmos. Em que há, nos termos do autor, uma inversão simétrica do esquema moderno entre subjetividade e objetividade, descontinuidade e continuidade, natureza e cultura. Notadamente, os referenciais dicotômicos entre multinaturalismo e multiculturalismo.

Esse movimento “ontológico”, engendrado no seio da Antropologia contemporânea, traz diálogos ao pensamento de Ailton Krenak, que se defronta com as lógicas específicas do Antropoceno, de

forma a criar conceitos que mobilizam uma agência e uma imaginação sociológica com relação ao “futuro”. Philippe Descola (2003), em sua obra, pergunta-se se o século XXI será o século do desaparecimento da Natureza. Ailton Krenak (2022) nos traz ideias para “adiar o fim do mundo”. O diálogo, aqui proposto, para além de uma análise aprofundada, trata-se, especialmente, de criar conexões entre as ideias de Ailton Krenak e os debates atuais da Antropologia, de modo que tais enunciados estejam próximos e enriquecendo os estudos produzidos pelas ciências sociais brasileiras.

### As “confluências” e a “florestania”

Ao iniciar sua obra “Futuro Ancestral”, Ailton Krenak (2022) evoca os rios para expressar seu entendimento sobre a força ancestral, tal qual, os sentidos atribuídos à existência, ao escutar a fala do rio. Quando elenca a qualidade de “movência” das águas e dos rios, o autor sugere uma “linguagem” sobre o tempo mas, também, uma referência à atitude a ser dotada pelos seres humanos.

“Esse nosso rio-avô, chamado pelos brancos de rio Doce, cujas águas correm a menos de um quilômetro do quintal de minha casa, canta. Nas noites silenciosas ouvimos sua voz e falamos com nosso rio-música. Gostamos de agradecê-lo, porque ele nos dá comida e essa água maravilhosa, amplia nossas visões de mundo e confere sentido à nossa existência. À noite, suas águas correm velozes e rumorosas, o sussurro delas desce pelas pedras e forma corredeiras que fazem música e, nessa hora, a pedra e a água nos implicam de maneira tão maravilhosa que nos permitem conjugar o nós: nós-rio, nós-montanhas, nós-terra” (KRENAK, 2022, p.14)

Nessa fala, conjugar o “nós” significa compreender, portanto, uma outra agência e concepção sobre o social, assim como, o privilégio do movimento sobre a existência. Ao trazer Nêgo Bispo, Krenak (2022) utiliza o conceito “confluências” para fazer uma defesa dos povos e seres do planeta, contra a noção capitalista de consumo do mundo e de “monocultura”, que alicerça, inclusive, uma noção sanitária sobre o que é ser “gente” e de um corpo humano isolado de outros corpos. Trata-se de transgredir uma mesma lógica que organiza a experiência, e permitir-se confluir com outras e para

outras, superando-se as noções formais de igualitarismo moderno, em que o colonialismo deva ser antagonizado de forma a:

"[...] evocar os mundos das cartografias afetivas, nas quais o rio pode escapar ao dano, a vida, à bala perdida, e a liberdade não seja só uma condição de aceitação do sujeito, mas uma experiência tão radical que nos leve além da ideia de finitude. Não vamos deixar de morrer ou qualquer coisa do gênero, vamos, antes, nos transfigurar, afinal a metamorfose é o nosso ambiente, assim como das folhas, das ramas e de tudo que existe." (KRENAK, 2022, p. 43)

O antropólogo Tim Ingold (2015), ao problematizar a noção moderna de "espaço" como categoria neutra e vazia de sentido, manuseia a oposição entre ocupação e habitação. Sua teoria gira em torno do conceito de habitação, portanto, em extensão e crítica às perspectivas existencialistas heideggerianas, no intuito de demonstrar que a Vida deve ser interpretada pelo movimento e pelas histórias narradas dos sujeitos. Desse modo, a transitividade entre imagem e objeto, típica da concepção de "produção" dos modernos, é substituída pela qualidade da atenção. O processo é valorizado em uma analogia à tecelagem, em que os fluxos materiais e correntes de consciência sensorial são responsáveis pela "textura do mundo", em um entrelaçamento de trajetórias ao qual coisas, ideias e seres fazem-se mutuamente. Assim sendo, nos caminhos do habitar. Ingold, ao descrever essa conceituação, propõe uma série de antinomias: posição vs. enclausuramento; viagem vs. transporte; conhecimento narrado vs. cultura transmitida; sendo os primeiros termos referentes ao que se propõe a Antropologia da Vida, e os segundos, às concepções modulares do "ser" na Modernidade. Modernidade que opera "inversões lógicas".

Na perspectiva das "confluências", abordadas por Krenak, há o enunciado, a partir dos significados dos rios e da experiência do autor com os mesmos, ao que Ingold busca construir teoricamente a partir das "linhas da vida", em outras palavras, as diversas experiências que a habitação exerce e configura, mutuamente, para a formação do mundo, em relação. O caminho, portanto, encontra nesses dois autores a noção de vida percorrida (e ancestral) que é subtraída pela perspectiva dos "assentamentos humanos", como diz Krenak, ao referir-se às cidades.

A crítica à *urbe*, presente na obra de Ailton Krenak (2022), perpassa justamente pela “cultura sanitarista” que concebe um esquema lógico de isolamento das florestas. “Sanear é urbanizar”, diz Krenak (2022, p. 60), que traz uma crítica construtiva em relação à “sequência europeia da história” a partir de Roma, em que tudo aquilo que não pertence à urbanidade saneada é tida como “barbárie”. Para ele, a noção de que a vida é “selvagem” e deve ser afastada perpassa por um imaginário e prática de cidade em que a vida coletiva é substituída pela primazia da vida privada. Dessa forma, outras formas de cidade são abandonadas em crédito a uma “mentalidade de catacumba”, em que rios são soterrados ou escondidos, animais perseguidos e afastados, povos quilombolas e indígenas marginalizados, nos muros de uma ocupação em que se impera o consumo de recursos não renováveis.

O antropólogo Bruno Latour (2012), também, chama a atenção para a necessidade de descobrir-se modos de coabitação. Ao elaborar sua própria teoria do Ator-Rede, ele critica a concepção de um social enquanto “estado de coisas estável”, em que as agregações e associações possuem restrição semântica ao que é antrópico. Postula-se uma noção de social ampliada, em que atores não-humanos devem ser encarados e compreendidos, simplesmente, como atores, em antagonismo ao conceito moderno de social com propriedades “simples” e “segura”, contratualista e de casualidades simétricas. O movimento das associações, de tal maneira, é o que dá *corpus* ao social, sendo as projeções simbólicas sobre o meio e os seres, em si mesmas, de caráter antropocêntrico (e saneadores, como demonstra Krenak). Latour convida aos esforços de uma sociologia das associações, em que novas instituições, procedimentos e conceitos sejam capazes de reagrupar e coletar o social.

A esse ponto, Ailton Krenak aborda uma importante ideia e/ou conceito, como resposta: “florestania”. Ao criticar a cidadania, como noção moderna de participação e “convergência”, a florestania surge pela luta social dos povos que vivem na floresta. A exemplo da Aliança dos Povos da Floresta (APF), ao qual Krenak é um dos fundadores, representa o “contágio positivo do pensamento, da cultura, uma reflexão sobre o comum” (KRENAK,

2022, p. 77) em que seringueiros e indígenas confluem, assim, no movimento frente ao capital e seus latifúndios, em busca da preservação do comum. A política, para o autor, não traduz essa experiência, pois não se trata de uma experiência da *pólis*. São as “alianças afetivas”, em uma outra concepção de nós e de imaginar, usando o termo de Alberto Acosta, “pluriversos”:

[...] de experimentar o encontro com a montanha, não como uma abstração, mas como uma dinâmica de afetos em que ela não só é sujeito, como também pode ter a iniciativa de abordar quem quer que seja. Esse outro nós possível desconcerta a centralidade do humano, afinal todas as existências não podem ser a partir do enunciado do antropocentrismo que tudo marca, denomina, categoriza e dispõe – inclusive os outros parecidos, que são considerados quase humanos também. (KRENAK, 2022, p. 84)

A pensadora Donna Haraway (2022, p. 10), ao abordar a noção de “espécies companheiras”, busca demonstrar que “ser um é sempre devir com muitos”. Em defesa de uma “globalização-outra”, em processo de nos tornarmos mundanos, a autora defende as “zonas de contato” como produtoras do mundo, em contraponto à unilateralidade do “capitaloceno” e as Grandes Divisões da modernidade – natureza e cultura, orgânico e técnico, animal e humano, selvagem e doméstico. A “florestania” implica, como supracitado, as “alianças afetivas” possíveis pela “confluência” de experiências (KRENAK, 2022). Haraway observa a “dança” de encontros que molda sujeitos e objetos, em uma miríade de espécies emaranhadas da Terra que conformam umas às outras. Ela exprime, desse modo, a crítica à fantasia ocidental institucionalizada sobre humanidade, em que a ideia de excepcionalidade confunde-se com a ideia de liberdade, e antagoniza o ser humano ao mundo. “Retornar à mãe é retornar à natureza e se posicionar contra Homem-o-Destruidor”, diz Haraway (2022, p.19), ao propor uma outra “mundialização” em que a atenção às outras espécies é a força de nos tornarmos mundanos, de forma que representação e mundo são lidos como matérias de mesma qualidade, ao enxergarmos-nos como seres coletivos. Pois somos a partir de espécies que se encontram, em uma relacionalidade constitutiva.

## Considerações finais

O pensador Ailton Krenak, ao trazer o protagonismo da floresta, encerra sua obra "Futuro Ancestral" chamando a atenção ao papel desempenhado pela educação. Ao prezar o comum, Krenak demonstra como, no pensamento indígena, educar significa buscar o comum, reagregando os seres pela "florestania":

Então, se nesse período a gente não reconhece os caminhos, depois vamos andar pelo mundo como se ele fosse um lugar estranho – não só do ponto de vista geográfico e climático, mas também de um lugar a ser compartilhado com outros seres. Nossa sociabilidade tem que ser repensada para além dos seres humanos, tem que incluir abelhas, tatus, baleias, golfinhos. Meus grandes mestres da vida são uma constelação de seres – humanos e não humanos (KRENAK, 2022, p. 101).

Ao questionar a ficcionalidade moderna de "futuro", como algo que inexistente e só é mensurável pela imaginação, Krenak evoca o presente e a ancestralidade, como a dos rios. Em suas palavras, a educação moderna, por exemplo, que se constitui em modelar crianças, neutraliza e estabiliza o mundo, em busca de uma "fabricação" de competidores. O autor coloca-se em defesa de uma educação para o comum, para as companhias e para os caminhos, feita a partir da experiência com o mundo, e não segregada do mesmo. São temas que perpassam os supracitados paradigmas "outros" abordados por Ingold, Latour e Haraway, na defesa de uma antropologia ou ontologia dos caminhos, das associações e das relações interespecíficas.

Ao construir tais diálogos, percebe-se que o pensamento de matriz ameríndia, expressado por Krenak, antecipa, pela sua própria ancestralidade, os caminhos que a Antropologia Social contemporânea busca, em seus estudos multiespécies e a partir desses importantes referenciais teóricos. Como os rios, que sempre estiveram aqui, nas palavras de Krenak, trata-se de uma qualidade atencional das relações, dos processos e das transformações. A tecelagem do mundo, as miríades de relações ou as associações reagregadas são conceitos que podem ser encarados, antes, pelo protagonismo da própria cosmogonia indígena.

Concluso, o projeto de desencantamento do mundo da modernidade e suas ficcionalidades, a exploração de recursos e manutenção dos lucros do capitalismo são elementos a seres desconstruídos, no campo das ideias, para pensar-se, enfim, a questão dos direitos da natureza. Qual o papel do Direito, fruto do contratualismo e das Grandes Divisões modernas, frente ao "colapso ambiental"? O pensamento de Krenak nos mostra um caminho possível, juntamente com os esforços acadêmicos apresentados: uma ordem em que os seres do mundo tornam-se, enfim, sujeitos. Não há dúvidas, para tal, do protagonismo indígena, em sua florestania, para confluir um novo mundo.

### Referências bibliográficas

DESCOLA, Philippe. Antropología de la naturaleza (“Más allá de la naturaleza y la cultura”). Lima: Instituto Francês de Estudios Andinos y Lluvia Editores, 2003. pp. 9–50.

HARAWAY, Donna. Quando as espécies se encontram. São Paulo: Ubu, 2022. pp. 6–67; 269–326.

INGOLD, Tim. Estar vivo: Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Editora Vozes, 2015. pp. 25–41; 215–229; 230–242; 243–257.

KRENAK, Ailton. Futuro Ancestral. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LATOUR, Bruno. Reagregando o social: Uma introdução à Teoria do Ator–Rede. Salvador; Bauru: EDUFBA – EDUSC, 2012.

MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A inconstância da alma selvagem – e outros ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2011. pp. 345–401.